

## TENDÊNCIAS ORIENTADORAS DOS REFERENCIAIS CURRICULARES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PONTA GROSSA/ PR PARA A DISCIPLINA DE HISTÓRIA

### GUIDING TRENDS OF CURRICULAR REFERENCES FOR THE INITIAL YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL OF PONTA GROSSA/PR FOR THE DISCIPLINE OF HISTORY

Aldimara Catarina Brito Delabona Boutin\*

Karine Ferreira Monteiro\*\*

Alexsandra Michaliski Scudalarek\*\*\*

Noemi Thomaz Dalapria\*\*\*\*

#### RESUMO

A pesquisa busca analisar as tendências historiográficas que orientam a disciplina de História nos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Ponta Grossa /PR, homologado pelo Conselho Municipal de Educação no ano de 2019. A questão de pesquisa situa-se em torno da seguinte pergunta: Quais são as tendências historiográficas que orientam o componente curricular de história dos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Ponta Grossa? A partir do objetivo geral que visa desvelar as tendências historiográficas que orientam o componente curricular de história dos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Ponta Grossa /PR, desdobram-se os seguintes objetivos específicos: a) Apontar os suportes teóricos que orientam as tendências historiográficas de matriz Positivista, Escola dos Annales e Marxista; b) Investigar a presença das tendências historiográficas Positivista, Escola dos Annales e Marxista no componente curricular de história dos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Ponta Grossa/ PR. Por meio da análise dos Referenciais Curriculares, problematizamos os dados coletados, à luz do Materialismo Histórico e Dialético e identificamos que o documento não contempla a perspectiva marxista e prioriza o Positivismo e a escola dos Annales, especialmente à terceira geração conhecida como História Nova.

**Palavras chave:** História. Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Positivismo. Escola dos Annales. Marxismo.

#### ABSTRACT

The research seeks to analyze the historiographic trends that guide the discipline of History in the Curricular References for the Initial Years of Elementary School of Ponta Grossa / PR, approved by

---

\* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduada em História e Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro do Grupo de Pesquisa Capital, Trabalho, Estado, Educação e Políticas Educacionais - GPCATE (UEPG). Email: audiboutin@hotmail.com

\*\* Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pós-graduada em Gestão Escolar pela Universidade Positivo (2020) e em Psicopedagogia clínica e institucional pelo (ESAP). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email: pk.monteiro@hotmail.com

\*\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora da educação básica. Email: alexsandra\_scud@hotmail.com

\*\*\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná – (SEED/PR). Email: noemithomazd@gmail.com

the Municipal Council of Education in 2019. The research question is located around the following question: What are the historiographic trends that guide the curricular component of the history of curricular references for the early years of elementary school in Ponta Grossa? From the general objective that aims to uncover the historiographical trends that guide the curricular component of history of curricular references for the early years of elementary school of Ponta Grossa /PR, the following specific objectives are unfolded: a) To point out the theoretical supports that guide the historiographic trends of positivist matrix, School of Annales and Marxist; b) To investigate the presence of positivist historiographic trends, School of Annales and Marxist in the curricular component of history of curricular references for the early years of elementary school of Ponta Grossa/PR. Through the analysis of curricular references, we problematize the collected data, in the light of Historical and Dialectical Materialism, and identified that the document does not contemplate the Marxist perspective and prioritizes Positivism and the Annales' school, especially the third generation known as New History.

**Keywords:** History. Curricular References for the Early Years of Elementary School. Positivism. Annales' school. Marxism.

## INTRODUÇÃO

Gramsci (2014, p. 98-99) nos mostra que as “concepções de mundo” de um determinado momento histórico não estão isentas de ideologias que se fazem presentes “implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida, individuais ou coletivas”. Isso significa que o modo como pensamos e agimos advém de “centro de formação, de irradiação, de difusão, de persuasão” (GRAMSCI, 2016, p. 83), ligados à “um grupo de homens ou até mesmo uma individualidade que as elaborou e apresentou na forma política de atualidade”. (GRAMSCI, 2016, p. 83).

Considerando que as “concepções de mundo” dominantes adquirem força política, na medida em que conduzem as pessoas à se posicionarem em torno de determinado projeto de sociedade, Gramsci (2014, p. 387) destaca a necessidade de analisarmos “historicamente” as ideologias, buscando compreendê-las como “fatos históricos reais, que devem ser combatidos e revelados em sua natureza de instrumentos de domínio”.

Partindo desse contexto, a produção do conhecimento histórico e a sua difusão não estão isentos de influências ideológicas. Desvelar as linhas de pensamento que orientaram as principais tendências historiográficas e como estas ganharam dimensão no ensino e pesquisa em história é um instrumento que auxilia para identificarmos as visões de mundo presentes em políticas educacionais, programas curriculares e na história ensinada em sala de aula. Para Bittencourt (2008, p. 140) conhecer as tendências históricas é uma “necessidade prática, porque é com base em uma concepção de história que podemos assegurar um critério para uma aprendizagem efetiva e coerente”.

Karnal (2007, p. 09) contribui para este debate afirmando que “não podemos fazer um texto ou dar uma aula de História baseados apenas na concepção atual, pois isso leva a projeções do presente no passado: os famosos anacronismos”<sup>1</sup>. Para o autor supracitado, no processo de reconstrução do passado, realizado pelo homem do presente, estão assentadas escolhas e visões de mundo, o que envolve a seleção de conteúdos e temas de história.

<sup>1</sup> Cruz (2019, p. 32) destaca em suas exposições que o anacronismo “precisa ser evitado ao máximo na prática do historiador, pois significa a realização de transposição de categorias de pensamentos, sentimentos e linguagens de uma determinada temporalidade para outra na qual não fazem qualquer sentido”, isto é, refere-se à transposição para o passado de ideias, pensamentos, formas de viver e se relacionar com o mundo do presente ou de outras épocas ou contextos.

Ainda de acordo com Karnal (2007, p. 11), a representação dada ao passado é mutável, o que significa que a “História está envolvida em um fazer orgânico”, pois “um livro sobre uma guerra escrito há cem anos continua válido como documento, mas é muito provável que a visão de quem o escreveu esteja superada”. Assim, se o “fazer histórico” é mutável no tempo, seu exercício pedagógico também o é”. (KARNAL, 2007, p. 08)

O ensino de história é influenciado pelo contexto histórico e pela conjuntura social, política e ideológica que nele se faz presente. Tomando como referência essas considerações, nossa questão de pesquisa situa-se em torno da seguinte pergunta: Quais são as tendências historiográficas que orientam o componente curricular de história dos *Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental* de Ponta Grossa?

Nosso objetivo geral está contemplado na proposta de desvelar as tendências historiográficas que orientam o componente curricular de história dos *Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental* de Ponta Grossa /PR. A partir disso, definimos os seguintes objetivos específicos: a) Apontar os suportes teóricos que orientam as tendências historiográficas de matriz Positivista, Escola dos Annales e Marxista; b) Investigar a presença das tendências historiográficas Positivista, Escola dos Annales e Marxista no componente curricular de história dos *Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental* de Ponta Grossa/PR.

A proposta de pesquisa aqui apresentada é de natureza qualitativa. Isso significa que ela compreende atividades de investigação com a análise documental dos novos *Referenciais Curriculares para os anos iniciais do Ensino Fundamental*, elaborado pelo município de Ponta Grossa/PR no ano de 2019. O material empírico será analisado tendo como suporte as tendências historiográficas Positivista, Escola do Annales e Marxista. Buscaremos problematizar os dados coletados, à luz do referencial teórico do Materialismo Histórico e Dialético, de modo, a “captar não só a aparência do fenômeno como também a sua essência”. (TRIVINOS, 1987, p. 129).

O ensino de história será analisado em uma perspectiva dialética e historicizada, ou seja, situado na sociedade de classes. Isso quer dizer que a história e seu ensino são problematizados, considerando as contradições, relações antagônicas de forças que interferem no desenvolvimento de políticas e iniciativas teóricas e metodológicas presentes nos currículos e na prática dos professores.

Estruturamos as reflexões de modo a contemplar os objetivos perseguidos. Inicialmente, abordamos sobre as tendências historiográficas fundamentadas no Positivismo, Escola dos Annales e Marxismo, apontando a sua influência na pesquisa e no ensino de história. Posteriormente, analisamos os *Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental* da cidade de Ponta Grossa/PR, buscando localizar no componente curricular de história, a presença das tendências historiográficas mencionadas.

Por fim, nas considerações finais indicamos que o documento analisado contempla as tendências Positivista e Escola dos Annales, especialmente à terceira geração – História Nova. Não evidenciamos a perspectiva Marxista nos *Referenciais Curriculares*.

## TENDÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS QUE ORIENTARAM A PESQUISA E O ENSINO DE HISTÓRIA

Os autores, Azevedo e Stamatto (2010) conferem ênfase ao Positivismo, Marxismo e à Escola dos Annales, enquanto linhas de pensamento que influenciaram na produção do conhecimento histórico, sendo essas, na visão de Fonseca (2003) as tendências com maior presença no ensino de história.

O Positivismo é uma linha de pensamento filosófico de origem francesa que remonta ao século XIX. O fundador e principal representante do Positivismo, August Comte (1798-1857), apostava na ideia do constante progresso da humanidade, na cientificidade dos fatos sociais e no funcionamento ordenado da sociedade. Quanto a produção do conhecimento histórico, o Positivismo considera que cabe à história:

Um levantamento científico dos fatos, sem procurar interpretá-los, deixando a sociologia sua interpretação. Para os historiadores positivistas, os fatos levantados se encadeiam como mecânica e necessariamente, numa relação determinista de causas e consequências (ou seja, efeitos). A história por eles escrita é uma sucessão de acontecimentos isolados, relatando sobretudo os feitos políticos de grandes heróis, os problemas dinásticos, as batalhas, os tratados diplomáticos etc. (BORGES, 1993, p. 34).

O Positivismo histórico baseia-se na tentativa de encontrar leis gerais para os acontecimentos sociais, compreendendo-os de maneira isolada, cronológica e factual. A história positivista é baseada na reconstituição detalhada de feitos épicos, grandes batalhas, guerras ou demais ações protagonizadas por personalidades políticas e militares, como generais, reis, líderes religiosos e outras figuras que exerceram posição de destaque na economia, no exército ou na política. Para Fonseca (2003, p. 41) “trata-se basicamente de uma história política e factual que será extremamente marcante no ensino e nos materiais didáticos”.

A história escrita à luz do positivismo esteve presente nos escritos do historiador Leopold Von Ranke (1795-1886), considerado “o fundador da moderna disciplina histórica universitária” (FUNARI; SILVA, 2008, p. 31) e criador da revista *Historische Zeitschrift*, em 1859, na qual sistematizou os métodos de pesquisa em história, buscando imprimir o caráter de cientificidade à esta área do conhecimento, por meio da reconstrução de eventos políticos. Bittencourt (2008, p. 140). A perspectiva rankeana considerava que “cada fato histórico é único e sem possibilidade de repetição, devendo a reconstrução de um passado ter como base a objetividade, para ser história verdadeira”. (BITTENCOURT, 2008, p. 140).

Bittencourt (2008, p. 140) assevera que na visão de Ranke, os historiadores seriam “impedidos de emitir qualquer juízo de valor, mantendo-se sempre em uma atitude ‘imparcial’ e neutra diante dos fatos”, buscando “mostrar o que realmente aconteceu”. O método de pesquisa histórica rankeano respaldava-se na “verificação de documentos fidedignos em arquivos, cujas análises devem eliminar uma apreciação subjetiva” (BITTENCOURT, 2008, p. 140). Assim, as fontes de pesquisa e estudo, eram os documentos oficiais, os sítios arqueológicos, objetos expostos em museus, ou coleções. (FONSECA, 2003).

Fonseca (2003) destaca que essa tendência histórica, também conhecida como metódica e historicismo, em termos metodológicos inspirou a História tradicional. Cerri (2009) destaca algumas características da concepção de matriz tradicional na história:

- O privilegiamento da ordem cronológica dos conteúdos, da sua linearidade;
- Seleção de conteúdos sintonizada a uma visão de mundo europeu, inclusive a parte nacional desse ensino em cada país não europeu, uma vez que a própria ideia de nação tem origem na Europa e a partir daí se dissemina;

- Perspectiva memorista, no sentido de afetiva, identificadora, que aparece aos sujeitos como se fosse natural, decorrente do viver, em vez de aparecer como construção;
- História a partir das elites ou do que elas reconhecem como histórico. (CERRI, 2009, p. 152).

Para Bittencourt (2008, p. 141) a “reconstituição do passado da nação por intermédio de grandes personagens serviu como fundamento para a histórica escolar”. No que se refere ao currículo de história organizado a partir do pensamento positivista, Azevedo e Stamatto (2010, p. 712) destacam que essa concepção inspirou a organização dos conteúdos “de forma linear com privilégio da visão eurocêntrica”, impossibilitando que “o aluno se torne sujeito do processo de aprendizagem” e inibindo a “reflexão de professores e alunos” sobre os “interesses dos diversos grupos sociais” de determinado tempo histórico. Portanto, a “abordagem curricular positivista não viabiliza a compreensão da realidade sociocultural da comunidade escolar posto que não há espaço para as relações entre presente e passado e os conteúdos históricos não têm meios para contextualização”. (AZEVEDO, STAMATTO, 2010, p. 712).

A partir do início do século XX, a história Positivista tradicional será duramente questionada por um grupo de intelectuais franceses, dentre os quais se destacaram Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956). Esses historiadores, em 1929, fundaram a revista *Annales d' Histoire Économique et Sociale*, dando início ao movimento dos Annales, o qual criticava a história política, centrada no individualismo e no bélico e considerava a “história das mentalidades coletivas, como o pensamento da burguesia relacionado à Reforma Protestante, na perspectiva de entender as ações individuais em contextos mais amplos”. (BITTENCOURT, 2008, p. 145).

Nos Annales, a história passou a dialogar com as ciências sociais e, com isso, rompendo com a tradição Positivista, buscando uma ampla renovação na forma de produzir conhecimento histórico. Reis (2000) descreve que o movimento dos Annales:

[...] abandonou o pressuposto da história produzida pelo sujeito consciente através do Estado Nação, recusando a história política, [...], abandonou o pressuposto do estudo do singular, do específico, do irrepitível, recusando o ‘evento’, abandonou o pressuposto do fim que justifica todo o passado, o presente e o futuro, recusando a forma narrativa do discurso histórico, abandonou o pressuposto do sujeito consciência cívica de si ou de classe, recusando a ação social prescrita por essas consciências, abandonou o pressuposto da história partidária, parcial, a serviço de poderes religiosos e políticos, recusando a ideologização do discurso histórico, abandonou o pressuposto do tempo cronológico linear, irreversível, recusando o evolucionismo progressista, abandonou o pressuposto da história conhecimento do passado, recusando a ‘história museu’ [...]. (REIS, 2000, p. 66-67).

Com os Annales, os estudos históricos passaram a contar com a contribuição de outras áreas do conhecimento, como a Geografia, Sociologia, Antropologia, entre outras. A história passou a ser amplamente problematizada, com a “percepção social em detrimento do individual, inserção em novos diferentes campos, além do político, o econômico, o social e o cultural” (FUNARI; SILVA, 2008, p. 56). Houve também, a ampliação das fontes de estudo e pesquisa, com a utilização de “fontes orais (entrevistas, depoimentos, narrativas), fontes audiovisuais (fotografias, discos, filmes, programas de televisão, etc), além de obras de arte, como pinturas e esculturas” (FONSECA, 2003, p. 42). Desse modo, “tudo o que fosse registro da ação humana passou a ser considerada fonte da história. Logo todos os homens e mulheres, ricos e pobres, índios, brancos, governantes e governados, patrões e empregados são sujeitos da história” (FONSECA, 2003, p. 42).

O movimento dos Annales, contemplou três fases (BURKE, 1992). A primeira situa-se entre os anos de 1920 e 1945. Nela, os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre em oposição a uma história essencialmente narrativa e política, priorizaram o estudo da história econômica e social em uma perspectiva totalizante de longa duração (AZEVEDO; STAMATTO, 2010). Para isso, buscaram a contribuição de outras áreas do conhecimento, a compreensão de amplas estruturas sociais e a redefinição do papel da história, “tanto no que diz respeito a seu objeto de estudo, quanto, e fundamentalmente, no que se refere a métodos de investigação compatíveis com as pretensões de uma história explicativa, que almejava o estatuto científico”. (SILVA, 1998, p. 57).

A segunda fase dos Annales, ocorrida entre 1945 e 1968, teve como principal expoente o historiador Fernand Braudel (1902-1985). A obra *O Mediterrâneo*, “consagra Braudel como o historiador da síntese espaço temporal, que objetiva a compreensão da totalidade dos fenômenos humanos mediante a análise social realizada principalmente pela união da Geografia e da História” (SILVA; FUNARI, 2008, p. 68).

Burke (1992) destaca alguns elementos de *O Mediterrâneo*, que contribuem para evidenciarmos as características e particularidades da segunda fase dos Annales:

*O Mediterrâneo* é um livro de grandes dimensões, mesmo que consideremos os padrões da tradicional tese de doutoramento francesa. Sua edição original continha aproximadamente 600000 palavras, o que perfaz seis vezes o tamanho de um livro comum. Dividido em três partes, cada uma das quais – como o prefácio esclarece – exemplifica uma abordagem diferente do passado. Primeiramente, há a história ‘quase sem tempo’ da relação entre o ‘homem’ e o ambiente; surge então, gradativamente, a história mutante da estrutura econômica, social e política e, finalmente, a trepidante história dos acontecimentos. (BURKE, 1992, p. 32).

A história em *O Mediterrâneo*, instituiu-se como uma área de estudo dos acontecimentos das grandes dimensões situadas no tempo e no espaço geográfico. Para Silva e Funari (2008, p. 67) “Braudel situaria o tempo da ‘história social’ uma história em que tudo parte do homem, dos homens, é a história dos grupos, dos destinos coletivos e dos movimentos conjuntos, já não é mais uma história imóvel, quase mutante das estruturas econômicas, políticas e sociais”.

Pereira (2015, p. 66) explicita que na segunda fase dos Annales, houve o aprofundamento em torno de conceitos de estrutura e conjuntura em “uma História serial e de longa duração”, que se fez inovadora porque respaldava-se na “percepção de profundas e constantes conexões entre tempo e espaço, história e geografia”. Essa autora, acentua que “também se trabalhou com a história quantitativa e com as noções de região e regionalização, com a demografia histórica e com a história serial”. (PEREIRA, 2015, p. 66).

A terceira geração dos Annales, iniciada em 1968, teve como principais representantes os historiadores Jacques Le Goff (1924-2014) e Georges Duby (1919- 1996), sendo conhecida como Nova História. De acordo com Silva e Funari (2008):

Epistemologicamente, a terceira geração pode ser definida pela ampliação dos temas de pesquisa e pelo aporte interdisciplinar à história. Temas como morte, doença, alimentação, sexualidade, família, loucura, bruxaria, mulher, clima etc., são estudados à luz de diferentes áreas do conhecimento, levando ao limite a abertura da disciplina propugnada por Febvre e marcando a passagem quase que exclusiva de preocupações socioeconômicas e demográficas em declínio para uma história mais antropológica. [...]. Há nela um declínio dos temas socioeconômicos e uma valorização das mentalidades, que a aproxima das psicologias coletivas. [...]. (SILVA; FUNARI, 2008, p. 71).

Além da ampliação dos temas históricos, com a incorporação de objetos de pesquisa negligenciados pela historiografia tradicional, a terceira geração dos Annales concentrou-se nos estudos das ideologias, dos imaginários sociais e das diferentes concepções de mundo, ligadas ao cotidiano e representações da sociedade. O desvinculamento com a amplitude dos temas, conforme a perspectiva braudeliana e a concentração em temáticas recortadas de um todo, sustentou um conjunto de críticas à terceira geração, pois os “microtemas” situavam-se como uma espécie de “recortes minúsculos do todo social” (VAINFAS, 1997, p. 137) “não havendo preocupação com uma história de caráter mais global”. (BITTENCOURT, 2008, p. 148).

Bittencourt (2008, p. 148) destaca que “foi atribuída a essa produção o título de ‘história em migalhas’ em razão do predomínio da micro - história e da ausência de preocupações políticas ou de articulação mais estrutural da sociedade”. Silva e Funari (2008, p. 73) indicam que o estudo das mentalidades abordava os modos de pensar e agir em determinadas temporalidades ou localidades, transcendendo os “cortes sociais, colocando em níveis de similaridade diferentes segmentos”, de modo que:

A mentalidade de uma época seria algo comum ao conjunto da sociedade que nela viveu, independentemente das inúmeras variações que possam existir entre seus indivíduos ou grupos. O apego dos historiadores ao mental, à longa duração e ao estruturalismo consistia no fato de propiciarem uma melhor compreensão da lenta mudança das estruturas mentais da sociedade, dos comportamentos coletivos, das atitudes diante do amor, da morte, das crenças. [...]. Os novos campos da história hoje podem ser entendidos como tributários de temas e problemas das mentalidades: a história das mulheres, a história da vida privada, do cotidiano, do imaginário, e, num contexto maior, a própria história cultural. (SILVA; FUNARI, 2008, p. 75).

A história das mentalidades, então, tornou-se um objeto de estudo e pesquisa de historiadores vinculados à terceira geração dos Annales. De acordo com Borges (1993, p. 43) esses estudiosos, “não se interessavam somente pelas mudanças, mas também pelas permanências”, sendo que alguns pretendiam “partir de um único caso bem documentado; outros não se preocupam em pensar a sociedade como um todo, mas em localizar na totalidade social seu objeto de estudo”, valorizando “então novamente o fato único e singular, embora não como fazia a história positivista, mas a partir de pressuposto da diferença” a qual é “a forma essencial para se pensar a constituição de uma sociedade”.

Na percepção de Pereira (2015, p. 74) uma das principais contribuições da “terceira geração dos Annales foi buscar inserir os excluídos na história, os personagens e eventos que sempre foram deixados de lado, que nunca tiveram voz e espaço nas narrativas históricas tradicionais”. As fontes de estudo foram ampliadas e problematizadas, sendo considerado como objeto de investigação tudo o que pudesse fornecer algum tipo de pista ou informação sobre o passado, como bilhetes, poesias, obras de artes, depoimentos, relatos orais, filmes, utensílios, moedas etc. (PEREIRA, 2015).

Nesta perspectiva, a história parte da análise de fenômenos ou fatos históricos, inserindo-os em contextos globais. A história total ou global, influenciou o ensino de história, por meio de conteúdos, selecionados a partir de eixos temáticos. Assim, houve a possibilidade “de se trabalhar os assuntos da disciplina a partir de temas que são problematizados a partir da realidade social em que o estudante está inserido e a partir das experiências de vida dos mesmos, proporcionando assim uma ponte entre temas antigos e atuais”. (PEREIRA, 2015, p. 75).

A construção do conhecimento histórico, na perspectiva teórico metodológica da História Nova, ocorre por meio de um diálogo com as diferentes áreas do conhecimento, fontes de estudo

e principalmente na problematização do passado com base na realidade vivenciada pelos alunos (PEREIRA, 2015, p. 75). Desse modo, o conhecimento do passado, se torna significativo, podendo ser construído e reconstruído a partir das problematizações postas pelo tempo presente.

Os fundamentos teóricos do Materialismo Histórico influenciaram o pensamento histórico, a partir do século XIX, quando Karl Marx e Friedrich Engels, destacaram a influência da materialidade nas relações histórico sociais:

Os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação. Esses pressupostos são, portanto, constatáveis por via puramente empírica. O primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal desses indivíduos e, por meio dela, sua relação dada com o restante da natureza. Naturalmente não podemos abordar, aqui, nem a constituição física dos homens nem as condições naturais, geológicas, climáticas e outras condições já encontradas pelos homens. Toda historiografia deve partir desses fundamentos naturais e de sua modificação pela ação dos homens no decorrer da história. (MARX; ENGELS, 2007, p. 96-97).

Para além da concepção idealista, Marx e Engels, conferem ênfase a materialidade como motor da história. Esses autores nos mostram que a realidade determina e influencia as relações sociais de produção. Isso ocorre porque os seres humanos precisam transformar a natureza para sobreviverem, e ao fazerem isso, além de modificarem o meio em que vivem, adquirem conhecimentos, experiências e habilidades essenciais para a sua constituição como seres sociais.

Assim, o “ponto de partida do conhecimento da realidade são as relações que os homens mantêm com a natureza e com os outros homens” (BORGES, 1993, p. 37). Ao chamarem a atenção para a existência de classes sociais contrastantes em aspectos materiais e ideológicos, Marx e Engels (2007) concebem a história, enquanto um processo dialético, determinado pela luta de classes entre os detentores dos meios de produção e os trabalhadores.

Nessa concepção de história, destaca-se a influência da classe trabalhadora no processo de transformação social, visto que essa é considerada por Marx (2017) como uma classe potencialmente revolucionária, a qual por meio de sua prática, pode transformar a história tendo em vista a emancipação do trabalho assalariado. Marx e Engels (2007) refutam um posicionamento meramente contemplativo do mundo e nos chamam a atenção para a necessidade de transformá-lo.

Para Bittencourt (2008, p. 145) a historiografia Marxista se caracteriza por partir “das estruturas presentes com a finalidade de orientar a práxis social, e tais estruturas conduzem a percepção de fatores formados no passado, cujo conhecimento é útil para a atuação na realidade hodierna”. Neste modo de pesquisar, e escrever a história, existe “uma vinculação epistemológica dialética entre presente e passado” (BITTENCOURT, 2008, p. 145) e as análises se concentram nas relações materiais de produção enquanto influenciadoras das ideias de uma época histórica.

O Marxismo direciona o olhar do historiador para a análise da totalidade da realidade social, política e econômica, destacando a ação da classe trabalhadora enquanto “força primordial da história” e “agente central do processo de produção social”. (PEREIRA, 2015, p. 55) sem desconsiderar, as determinações estruturais e superestrutural, pois:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é



como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial. (MARX, 2011, p. 25-26).

Com a defesa destes termos, o paradigma Marxista, compreende que a dinâmica da história se situa em um processo dialético no qual o modo de produção capitalista é permeado por contradições e crises que são determinantes para a sua superação. De acordo com Santos, Fochi e Silva (2016, p. 37), a perspectiva histórica do Materialismo Histórico e Dialético pode ser resumida nos seguintes elementos: “a realidade social é mutável; a mudança está submetida às leis que se encaixam em outras leis históricas; as mudanças tendem a momentos de equilíbrio relativo”.

Bittencourt (2007) assevera que a partir do final dos anos 1970, o Marxismo influenciou os conteúdos curriculares da disciplina de história no Brasil, sendo “organizados pela formação econômica das sociedades, situando os indivíduos de acordo com o lugar ocupado por eles no processo produtivo” (BITTENCOURT, 2007, p. 147). Vinculado à concepção Materialista Histórica, destacou-se o historiador Thompson, o qual sistematizou a produção historiográfica Marxista “com ênfase em conteúdos sociais, articulando o conceito de classe social ao de cultura”. (BITTENCOURT, 2007, p. 147).

Bittencourt (2007, p. 148) situa que a produção “historiográfica social incorporou as lutas e os movimentos sociais provenientes de diferentes setores da sociedade”, como por exemplo os movimentos sociais “feministas, os ambientalistas, os étnicos e religiosos, seus confrontos e lutas com as discriminações e preconceitos, além da continuidade das lutas por direitos trabalhistas”.

Tomando como referência as reflexões desenvolvidas até aqui, buscamos sistematizar no Quadro 1 a influência do Positivismo histórico, dos Annales e do Marxismo na história ensinada em sala de aula.

**Quadro 1** - Positivismo histórico, Escola dos Annales e Marxismo: características e reflexos no ensino de história

Tendências Históricas	Influência no ensino de História
Positivismo Histórico	Ênfase na perspectiva tradicional de ensino; Aulas expositivas; Lista de conteúdos a serem vencidos; Memorização de eventos históricos, datas e nomes; Postura de neutralidade do educador; Culto a personalidades e monumentos; Ausência de problematização do passado; Livro didático como única fonte de ensino; Valorização de grandes eventos políticos, batalhas e da história europeia; Estudo cronológico dos fatos históricos; Busca do constante progresso e do ordenamento social.
Escola dos Annales*	Diálogo interdisciplinar entre a história e outras áreas do conhecimento; Ampliação das temáticas de estudo; fontes e pesquisa histórica; Crítica à matriz tradicional e à história positivista; Incorporação de novos sujeitos históricos; Relação entre o passado e o presente; Estudo do imaginário, das tradições, da cultura e representações; Incorporação de eixos temáticos, com temas gerais e específicos; Problematização do passado e do presente; Análise de conjuntura.

*continua*

conclusão

Tendências Históricas	Influência no ensino de História
Marxismo	Crítica ao modo de produção capitalista; Perspectiva dialética da história; Compreensão da classe trabalhadora, enquanto agente da história; Análise da materialidade das relações de produção; Análise da realidade social, política e econômica enquanto permeada por contradições; Ênfase na luta de classes e na práxis política dos trabalhadores; Crítica à história escrita sob a perspectiva da classe dominante; Estudo das origens, desenvolvimento e influência do modo de produção capitalista na sociedade.

\* **Nota:** Considerando as três gerações da escola do Annales.

\* **Fonte:** Sistematizado pelas autoras a partir dos constructos teóricos até aqui abordados.

A história ensinada na sala de aula, os livros de história e o currículo de história que sistematizaram os conteúdos históricos em diferentes conjunturas, foram influenciados em menor ou maior grau por essas perspectivas, refletindo na construção de visões de mundo e no desenvolvimento de iniciativas político ideológicas que movimentam a iniciativa de classes ou grupos na sociedade civil e política.

Fonseca (2003, p. 40) enfatiza que “o estudo da história é fundamental para perceber o movimento e a diversidade, possibilitando comparações entre grupos e a sociedade nos diferentes tempos e espaços” (FONSECA, 2003, p. 40). Portanto, conhecer as tendências que orientaram a produção historiográfica, é uma estratégia para identificar as mudanças e permanências presentes nos materiais, didáticos e currículos de história e, com isso, organizar uma prática didática comprometida com a compreensão da realidade social do passado e do presente, instrumentalizando uma leitura de mundo crítica.

Sob este pano de fundo, tendo como referência nossa questão de pesquisa<sup>2</sup>, na próxima seção investigamos a presença das tendências históricas Positivista, Annales e Marxismo nos conteúdos de história dos *Referenciais Curriculares para os anos iniciais do ensino fundamental* da cidade de Ponta Grossa/PR.

## TENDÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS QUE ORIENTAM OS REFERENCIAIS CURRICULARES PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA CIDADE DE PONTA GROSSA/ PR

O documento *Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental* (PONTA GROSSA, 2020), foi aprovado pelo Conselho Municipal de Educação de Ponta Grossa no dia 04 de dezembro de 2019 e publicado no ano de 2020. Esse documento segue as orientações da Base Nacional Comum Curricular – (BNCC), homologada pelo Conselho Nacional de Educação no ano de 2017, da Constituição Federal de 1988 e na Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96. (SAVELI, 2020).

Os conteúdos abordados nos referenciais são sistematizados em áreas do conhecimento, “organizadas em blocos com o objetivo de garantir a efetiva gestão do ensino e as aprendizagens dos alunos” (PONTA GROSSA, 2020, p. 12). A disciplina de história está contemplada no componente curricular de Ciências Humanas, tendo como objetivo “instigar os alunos a desenvolver uma melhor compreensão do mundo”, favorecer “o desenvolvimento da autonomia do aluno” para que o mesmo se

<sup>2</sup>Quais são as tendências historiográficas que orientam o componente curricular de história dos Referenciais Curriculares para os anos finais do Ensino Fundamental I de Ponta Grossa/PR?

torne “um indivíduo apto para intervir no mundo com mais responsabilidade e consciência”. (PONTA GROSSA, 2020, p. 424).

O documento dispõe de um quadro, no qual para cada ano de estudo do ensino fundamental, são sistematizadas as unidades temáticas, objetos de conhecimento, habilidades e procedimentos didáticos a serem adotados, conforme exemplificado na Figura 1.

**Figura 1** - Unidades temáticas, Objetos de conhecimento e Procedimentos Didáticos - Referenciais Curriculares Para o Ensino Fundamental de Ponta Grossa/PR

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETO DE CONHECIMENTO O que?	HABILIDADES Para que?	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS Como?
MUNDO PESSOAL: MEU LUGAR NO MUNDO	Organização do tempo.	Utilizar diferentes instrumentos destinados a organização e contagem do tempo.	Explorar as diferentes formas de marcar o tempo (observação da lua, relógio de sol, ampulheta, relógio digital e analógico); Construir de ampulheta; Explorar diariamente o calendário; Organizar quadro de horário escolar.
	A vida em família: diferentes configurações e vínculos.	Identificar mudanças e permanências nas formas de organização familiar.	Pesquisar imagens de famílias com diferentes formas de organização em diferentes épocas para confecção de cartaz; Observar cenas de família em obras de arte; Fazer releitura das obras observadas; Representar sua família através de desenhos; Livro "Somos um do outro - um livro sobre adoção e famílias" (Todd Parr).
	Usos e costumes da família:		

Fonte: Ponta Grossa (2020)

As unidades temáticas dos *Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental* de Ponta Grossa referem-se aos temas gerais trabalhados do primeiro ao quinto ano, durante o período de um trimestre. Esses temas são sistematizados em um conjunto de conteúdos, que dizem respeito aos objetos de conhecimentos definidos para cada trimestre. Nos procedimentos didáticos são estabelecidas metodologias, estratégias e possibilidades para o trabalho com os conteúdos em sala de aula.

Para esta pesquisa, selecionamos as unidades temáticas e objetos de conhecimento para a disciplina de História a serem trabalhadas do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. A síntese, dessas unidades temáticas e objetos do conhecimento para história, é contemplada no Quadro 2:

**Quadro 2** - Síntese das unidades temáticas e objetos de conhecimento de História - Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Ponta Grossa

Ano	Unidades temáticas	Objetos de conhecimento – conteúdos
1º	Meu mundo pessoal: meu lugar no mundo	Fases da vida; temporalidades; história do nome, sobrenome e família, direitos da criança; ambiente, espaço e comunidade escolar; diversidade; fontes históricas; datas comemorativas; senso de responsabilidade; regras de convivência; contribuição dos índios e africanos na formação da identidade brasileira; brincadeiras do passado e presente.
2º	A comunidade e seus registros	Regras de convivência, possibilidades de interação; espaços de sociabilidade; festividades; direitos e deveres da criança; contribuição dos índios e africanos na formação da identidade brasileira; fontes históricas; família; temporalidades; relação homem e natureza; trabalho e profissão.

Ano	Unidades temáticas	Objetos de conhecimento – conteúdos
3º	As pessoas e os grupos que compõe a cidade e o município; O lugar em que vive; A noção de espaço público e privado.	Cidades; diversidade étnica e cultural das cidades; diferentes imigrações; contribuição dos índios e africanos para a formação da identidade brasileira; patrimônios históricos e culturais; espaços urbanos, rurais, públicos e privados; datas comemorativas; habitantes de bairros e cidades e direitos sociais.
4º	Transformações e permanências das trajetórias dos grupos humanos; Circulação de pessoas e produtos culturais; As questões históricas relativas às migrações.	História, fonte e temporalidade histórica; primeiros agrupamentos humanos; África; povoamento da América; constituição do povo brasileiro; contribuição dos índios e africanos para a formação da identidade brasileira; análise crítica das datas comemorativas; comércio e rotas comerciais portuguesas e espanholas; navegações; descobrimento do Brasil; formação das cidades e municípios; tropeirismo; relações entre passado e presente; organização política de cidades e estados; meios de comunicação; contribuição de grupos migratórios na formação do Brasil; escravidão; políticas de imigração no Brasil no final do século XIX; imigrações atuais e grupos refugiados; diversidade cultural brasileira.
5º	Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social; Registros da história: linguagens e culturas.	Nomadismo e sedentarismo; primeiras agrupamentos humanos e cidades; origem e expansão do comércio; surgimento da escrita; distintas formas de organização social e política; expansão marítima portuguesa; descobrimento do Brasil; sociedade colonial; ocupação do território paranaense; chegada da família real portuguesa, movimentos de resistência e fim da escravidão; período monárquico e republicano; tradições culturais do passado e do presente; diversidade étnica e cultural do Paraná; direitos humanos, da criança e do cidadão; fontes escritas, orais; formas de comunicação na atualidade; patrimônios históricos, culturais, materiais e imateriais; tempo e diferentes calendários, análise crítica de datas comemorativas.

**Nota:** Sistematizado pelas autoras com base nos Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental de Ponta Grossa

**Fonte:** Ponta Grossa (2020, p. 428-461)

Nos quatro trimestres, os *Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental* de Ponta Grossa trazem as seguintes unidades temáticas: “Meu mundo pessoal: meu lugar no mundo”; “A comunidade e seus registros”; “As pessoas e os grupos que compõe a cidade e o município”; “O lugar em que vive”; “A noção de espaço público e privado”; “Transformações e permanências das trajetórias dos grupos humanos”; “Circulação de pessoas e produtos culturais”; “As questões históricas relativas às migrações”; “Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social”; “Registros da história: linguagens e culturas”. (PONTA GROSSA, 2020, p. 428-461).

Tomando como referências essas unidades temáticas, os *Referenciais Curriculares*, organizam um conjunto de conteúdos a serem trabalhados no ensino fundamental. No primeiro e segundo ano, os conteúdos objetivam a “constituição do “Eu”, do “Outro” e do “Nós”, destacando o conhecimento de si, das referências do mundo pessoal, da noção de comunidade e da vida em sociedade” (PONTA GROSSA, 2020, p. 424). De acordo com o documento, “Esse processo de constituição do sujeito é longo, ele se dá em meio a vivências cotidianos, identificando seu lugar na família, na escola e nos espaços e grupos de convivência na sua comunidade”. (PONTA GROSSA, 2020, p. 424).

Para o terceiro e quarto ano, os *Referenciais Curriculares* priorizam as “particularidades locais por meio da noção de lugar em que se vive e das dinâmicas em torno da cidade e dos regionalismos (Estado), diferenciando aspectos da vida privada e da vida pública, urbana e rural” (PONTA GROSSA, 2020, p. 424). Também são analisados os “processos ocorridos em espaços temporais mais longínquos, como a circulação dos primeiros grupos humanos”. (PONTA GROSSA, 2020, p. 424).

Por fim, no quinto ano, “o destaque está na diversidade de povos e culturas e suas formas de organização, realizando uma breve introdução ao início da humanidade” (PONTA GROSSA, 2020, p. 424). Em tais conteúdos situam-se “Elementos como a cidadania, direitos e deveres, e o reconhecimento da diversidade das sociedades propõe uma educação voltada ao convívio e ao respeito entre

os povos, compreendendo que esses estão em constante movimento e transformação”. (PONTA GROSSA, 2020, p. 424).

A análise das unidades temáticas, conteúdos e procedimentos presentes nos Referenciais Curriculares para o ensino fundamental de Ponta Grossa/PR, mostrou um conjunto de elementos presentes nas tendências históricas do Positivismo e dos Annales. No que se refere ao Positivismo histórico, verificamos a ênfase no factual e no estudo das datas comemorativas, pois embora o documento proponha uma análise crítica das mesmas, nos objetos de conhecimento há destaque para a habilidade de “Reconhecer o significado das datas comemorativas” (PONTA GROSSA, 2020, p. 455), tendo como procedimento didático: a confecção de cartazes, painéis comemorativos, dramatização, pesquisas e diálogo a respeito das datas comemorativas, de modo a reforçar uma história ensinada que exalta os grandes acontecimentos e o factual.

Há ausência da problematização do passado e o debate prioriza as grandes navegações, a ocupação europeia em nosso território e a vinda da corte portuguesa ao Brasil, enfatizando uma história em torno de personalidades e dos feitos realizados pela classe dominante e governantes e, com isso, desconsiderando o papel dos segmentos subalternizados como os indígenas, o povo negro, as mulheres e dos grupos subalternizados na construção do conhecimento histórico.

A sugestão de procedimentos didáticos exposta nos Referenciais Curriculares para o ensino fundamental de Ponta Grossa/PR, vem coroar a presença da perspectiva tradicional Positivista no ensino de história, por meio da sugestão da “construção de linha do tempo” para o trabalho em sala de aula, o que reforça a questão da linearidade histórica, característica do Positivismo histórico. No entanto, convém destacar que essa tendência não é hegemônica no documento analisado, já que ele apresenta um conjunto de elementos vinculados aos Annales, especialmente à terceira geração, Nova História, os quais ocorrem na maioria dos conteúdos sugeridos.

Em relação a isso, observamos, a interdisciplinaridade entre a história e demais áreas do conhecimento, especialmente com a geografia, a primazia em fontes de estudo para além do livro didático, a relação entre passado e presente, estudo do imaginário, tradições e representações, a ênfase em unidades temáticas e a articulação entre temas gerais e específicos.

A própria organização dos Referenciais Curriculares para o ensino fundamental de Ponta Grossa/PR, em unidades temáticas mais amplas, a partir das quais são definidos micro temas, é uma das principais características que indicam o alinhamento deste documento aos Annales, além do uso de fontes e instrumentos de pesquisa para o ensino de história, conforme indica o fragmento selecionado:

Para o ensino de História, é fundamental considerar o uso de diferentes linguagens, utilizando diferentes fontes e tipos de documentos escritos, iconográficos, materiais (móveis e imóveis) e imateriais (expressões culturais, manifestações religiosas) possibilitando assim uma melhor compreensão de como se deram as relações sociais no tempo e no espaço. Registros e vestígios das mais diferentes naturezas (vestimentas, mobiliário, utensílios domésticos, instrumentos de trabalho, músicas etc.) carregam em si mesmos as experiências humanas na sua forma de uso, produção e circulação auxiliando os alunos a conhecer o significado das coisas do mundo, produzindo assim o conhecimento histórico. Assim, as fontes históricas auxiliarão na compreensão de um tempo e de um espaço específicos. [...]. (PONTA GROSSA, 2020, p. 425).

A partir do uso de diferentes fontes de estudo e pesquisa em história, busca-se apreender a história de toda a sociedade. Neste caso, conforme destaca Fonseca (2003, p. 42), a história é feita também pelos acontecimentos cotidianos presentes na vida das famílias, como “as festas e formas de

ensinar e aprender”, havendo a ênfase no estudo tanto do passado como também do presente e nas variadas formas “de marcar e viver o tempo” em seus “diversos ritmos, tempos e espaços”.

A questão da temporalidade, exposta nos referenciais, também é um elemento que se aproxima dos Annales, pois instrumentaliza a compreensão sobre as “relações humanas, sendo a História uma das ciências que possibilitam o estudo destas relações no tempo em determinado espaço, porém, o passado que impulsiona a dinâmica de ensino-aprendizagem necessário para a formação dos alunos, é aquele que dialoga com o presente”. (PONTA GROSSA, 2020, p. 424).

Não evidenciamos a perspectiva marxista nos Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental de Ponta Grossa. Verificamos a ausência da problematização da realidade social política e econômica dos diferentes períodos históricos, das relações materiais de produção e das contradições sociais vivenciadas no passado e no presente. Ainda pudemos constatar que os conteúdos ignoram as lutas e experiências políticas e culturais vivenciadas pela classe trabalhadora e o papel das classes subalternizadas enquanto agentes históricos e construtores da história.

Bittencourt (2008, p. 142) aponta que a perspectiva Marxista, conhecida no Brasil como “história dos vencidos”, compõe conteúdos escolares, nos quais os “grupos dominados” são “transformados em não sujeitos históricos”. Nos Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental de Ponta Grossa, até há a discussão em torno da herança dos indígenas e africanos na formação da identidade brasileira, no entanto, esse debate situa-se no aspecto cultural, não havendo uma reflexão aprofundada em relação a exploração da força de trabalho desses povos na construção do Brasil, do preconceito e das desigualdades sociais, vivenciadas por indígenas e africanos em solo brasileiro no passado e no presente.

Consideramos que ignorar a existência de tais questões auxilia para a fragmentação de uma consciência de classe, colocando os alunos à serviço das ideologias que sustentam os interesses da classe dominante, pois “a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (MARX; ENGELS, 2007, p. 47) e, sendo assim, ressalta-se a necessidade de aprofundar as reflexões sobre as contradições que repousam neste modo de organização social.

Debater história a partir da perspectiva Marxista contribui para que os alunos pensem a realidade social, política e econômica, vislumbrando-se como sujeitos históricos, dotados de historicidade e identidade social. Isso implica em afirmar que em oposição a perspectiva tradicional Positivista, na qual o aluno é um receptor passivo de conteúdos que exaltam as ações e os feitos da classe dominante, na perspectiva Marxista, o aluno é um sujeito construtor da história, que questiona o passado e o presente e compreende que com suas ações é possível construir uma história livre da exploração presente no trabalho assalariado.

A partir da análise dos Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental de Ponta Grossa, constatamos que contraditoriamente ao objetivo proposto de contribuir para que o aluno sinta-se “parte integrante da história e agente transformador da realidade” (PONTA GROSSA, 2020, p. 424) e com isso, venha a construir “sua identidade, sua cidadania e seu conhecimento histórico” se tornando “cidadão” e “sujeito de sua história” (PONTA GROSSA, 2020, p. 424), o documento compõe um conjunto de conteúdos, unidades temáticas e procedimentos metodológicos que reforcem a história construída por classes ou grupos dominantes.

Por mais que a perspectiva dos Annales, com destaque para a História Nova, seja hegemônica neste documento, a presença de concepções tradicionais Positivistas é um elemento que fragiliza a

história construída a partir da realidade e das contradições vividas pela classe trabalhadora e inibe o desenvolvimento da compreensão de que esta classe é construtora da história, dotada de historicidade e, sendo assim, pode mudar o curso da história tendo como referência suas necessidade e interesses.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi desvelar as tendências historiográficas que orientam o componente curricular de história dos Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental de Ponta Grossa /PR. Para tanto, contextualizamos as tendências historiográficas fundamentadas no Positivismo histórico, Escola dos Annales e Marxismo, destacando seus fundamentos teóricos filosóficos e influência na pesquisa e no ensino de história.

A análise das unidades temáticas e dos objetos de conhecimentos para a disciplina de História dos Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental de Ponta Grossa /PR, mostrou que as tendências historiográficas hegemônicas contemplam o Positivismo histórico e os Annales, especialmente à terceira geração, conhecida como História Nova orientaram a construção do documento analisado.

No que se refere ao Positivismo, vinculado à história tradicional, os Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental de Ponta Grossa /PR, priorizam o trabalho pedagógico centrado em datas comemorativas, as quais mesmo sendo propostas em uma abordagem crítica, são sugeridas tanto nas listas de conteúdos, como também em diversas atividades a serem realizadas em sala de aula do primeiro ao quinto ano. O Positivismo histórico ainda se faz amplamente presente no documento supracitado na primazia dada factual, na cronologia dos fatos históricos, na ausência da problematização do passado e de um debate que coloca em xeque os personagens históricos, sobretudo o homem branco rico e europeu.

A escola dos Annales, principalmente a terceira geração, História Nova, também está fortemente presente nos Referenciais Curriculares de Ponta Grossa /PR. Dos elementos que sustentam essa tendência histórica, verificamos, a presença da interdisciplinaridade entre a história e demais áreas do conhecimento, a prioridade para o uso de fontes para além do livro didático, a relação entre passado e presente, o estudo do imaginário, das tradições e representações, a ênfase em unidades temáticas e a articulação entre temas gerais e específicos.

Não evidenciamos a perspectiva Marxista no documento analisado, visto que não há problematização da realidade social, política e econômica dos diferentes períodos históricos, das relações materiais de produção e das contradições sociais, vivenciadas no passado e no presente pelos segmentos explorados ou subalternizados. Ainda pudemos constatar que os conteúdos ignoram as lutas e experiências políticas e culturais da classe trabalhadora e o seu papel enquanto agentes históricos e construtores da história.

Dessa forma, torna-se imprescindível a postura atenta, crítica, dialógica e problematizadora dos docentes ao abordar os temas e/ou conteúdos da disciplina de História, extrapolando os livros didáticos e os Referenciais postos e, construindo com os discentes diferentes perspectivas e reflexões que levem em consideração a realidade social, política e econômica das pessoas que constroem e fazem parte da história.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C. B.; STAMATTO, M. I. S. Teoria historiográfica e prática pedagógica: as correntes de pensamento que influenciaram o ensino de história no Brasil. **Antíteses**, vol. 3, n. 6, jul. /dez. de 2010, p. 703-728.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.
- BITTENCOURT, C. M. F. História do Brasil: identidade nacional e ensino de história. In: KARNAL, L. (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007, p. 184-204.
- BORGES, V. P. **O que é história**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**: (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- CERRI, L. F. Ensino de história e concepções historiográficas. **Espaço Plural**, v. 10, n. 20, p.149-154, 2009.
- CRUZ, E. V. B da. **Temporalidade, anacronismo e ensino de história**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará. Ananindeuá, 179f. 2019.
- FONSECA, S. G. **Didática e prática de ensino de história**: experiências, reflexões e aprendizados. São Paulo: Papirus, 2003.
- FUNARI, P. P. A.; SILVA, G. J da. **Teoria da história**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**, vol. 1: introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**, vol. 3: Maquiavel, notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- KARNAL, L. Introdução. In: KARNAL, L. (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007, p. 07-17.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, K. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, K. **O dezoito Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- PEREIRA, E. D. F. **O ensino de história no Brasil a luz de diferentes correntes historiográficas**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 87 f. 2015.
- PONTA GROSSA. **Referenciais Curriculares para os anos iniciais do Ensino Fundamental**. Ponta Grossa: SME, 2020.
- REIS, J. C. **Escola dos Annales**: a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SANTOS, P. C dos.; FOCHI, G. M.; SILVA, T. R da. **Teoria da história e historiografia**. Indaial: UNIASSELVI, 2016.
- SAVELI, E. Apresentação. In: PONTA GROSSA. **Referenciais Curriculares para os anos iniciais do ensino fundamental**. Secretaria Municipal de Educação. Ponta Grossa, 2020.



SILVA, A. R. C da. Thompson e a primeira geração dos Annales: uma abordagem comparativa a partir das noções de estrutura e processo em história. **História Social**, Campinas, p. 91-134, 1998.

TRIVINOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAINFAS, R. História das mentalidades e história cultural. *In*: FLAMARION, C.; VAINFAS, R. (Orgs). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 117-230.

Recebido: 14/09/2022

Aceito: 28/02/2023